

MAIS É MENOS?: ANÁLISE DO GÊNERO JORNALÍSTICO DO CADERNO MAIS DA FOLHA DE SÃO PAULO

Elisangela Aparecida de Lima ¹
Ralph Willians de Camargo²

RESUMO: A maior parte das matérias do caderno MAIS da Folha de S. Paulo, são traduções de reportagens de periódicos estrangeiros, ou ainda escritos por professores universitários ou jornalistas especializados. Esse elemento é primordial para transformar o caderno em um material de leitura complexa, fugindo aos padrões da própria Folha, inclusive na diagramação. Segundo o site da Folha de S. Paulo, o MAIS é destinado a tratar de jornalismo cultural. Todavia, quando consideramos a definição de jornalismo cultural, compreendemos que não basta falar de cultura para que um determinado texto seja entendido como pertencente a esse gênero, mesmo por que a cultura perpassa todos os campos da existência humana, logo, está em tudo. Isso posto, é mister sabermos se o caderno MAIS configura jornalismo cultural, com densidade crítica e vibração jornalística, ou trata-se de um outro gênero jornalístico que acaba por se imbricar com a cultura. Afinal a que gênero jornalístico pertence o caderno MAIS?

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo Cultural, Jornalismo Científico, Caderno MAIS, Folha de São Paulo.

INTRODUÇÃO

O Jornal Folha de São Paulo nasceu com outro nome, Folha da Noite, um jornal de circulação noturna. Em 1921, o Brasil vivencia um momento ímpar na imprensa. Os periódicos que até então circulavam eram veículos de propaganda do governo (antes e depois da república) ou retratos dos tabloides europeus. De acordo com Sodré (1999), no nascer do novo século, a burguesia ascende e mostra interesse na propagação de suas ideias pelos jornais, todavia lhe falta mais que dinheiro para entender o complexo mundo da imprensa, faltam-lhe decisão e vontade política.

A ascensão burguesa acompanha necessariamente, o lento desenvolvimento das relações capitalistas no país e sofre tortuoso processo que nada tem de contínuo e harmonioso, ao mesmo tempo padece da normal antecipação do econômico sobre o político. (SODRÉ 1999, p.277).

Os jornais patrocinados pelo burguês se expandem, mesmo não sendo entendidos pelo

¹ Acadêmica do 8º período do curso de Comunicação Social – Jornalismo da Faculdade Assis Gurgacz (FAG).
lilalima1000@yahoo.com.br

² Professor orientador. ralph@fag.edu.br.

novo rico. Ganham novos equipamentos e novas linguagens. Em 1925 é criada a Folha da Manhã como edição matutina da Folha da Noite que surge com firme propósito de "lutar" pelo povo sem voz contra o governo tirano (o então presidente Artur Bernardes).

Os poetas juntam-se a este filão e criam um novo estilo de se fazer notícia no Brasil. Manuel Bandeira escreve para o Correio da Manhã, Mário de Andrade para o Estado de São Paulo, entre tantos outros. Assim se inicia uma nova forma de apreciação do jornalismo brasileiro, na defesa de sua gente com uma linguagem mais elaborada.

Para Sodré (1999), nesse contexto nasce a imprensa proletária, quando a burguesia acorda, toma seu lugar na briga e arma-se para competir politicamente.

Em 1945 o jornal ganha mais uma extensão, o Folha da Tarde no período vespertino. E por fim, em 1960 "os folhas" se fundem na Folha de São Paulo.

Em 16 de fevereiro de 1992 o Jornal lança o caderno MAIS, com intuito de dar maior ênfase ao jornalismo cultural abrindo espaço para que especialistas pudessem opinar sobre os mais variados assuntos, conforme indica a definição do produto pela empresa: "Um caderno especial para os leitores que procuram literatura, sociologia, filosofia e artes. Com autores e colunistas conceituados, o caderno Mais é referência internacional como caderno cultural." (site FOLHA DE SÃO PAULO)

O caderno tem entre 10 e 12 páginas, difere-se dos outros a começar pela diagramação, que permite a utilização de maior espaço para fotografias e matérias longas que por vezes ganham metade de suas páginas.

Os textos são, em sua grande maioria, escritos por professores universitários, jornalistas especializados, ou ainda, entrevista de especialistas das diversas áreas das ciências, veiculadas em mídias internacionais e traduzidos para a língua portuguesa.

O linguajar utilizado nesse caderno é complexo, até mesmo se comparado ao habitual do próprio jornal, que já é, pela proposta de edição, dificultoso em alguns cadernos.

O site do jornal indica que se trata de uma editoria cultural, entretanto, se temos por base o Jornalismo Cultural dentro de sua definição padrão, percebemos que é primordial que os textos utilizem um linguajar jornalístico, que sejam acessíveis ao público leigo, e que tratem exclusivamente de assuntos de cunho cultural.

Encontramos aí dois pontos que dificultam o enquadramento do caderno nessa editoria. Um refere-se aos autores serem professores universitários, artistas plásticos, escritores, entre outros e conseqüentemente aterem-se a apenas um estilo de escrita (artigos). O linguajar utilizado no caderno é direcionado àquele que tem um conhecimento prévio acerca dos temas

discutidos. Parece natural se entendermos que os cadernos nascem para atender a públicos específicos, logo, a linguagens utilizadas podem ser direcionadas a esse público. Contudo o fato de tornar o objeto cultural o mais próximo possível de todos (através da linguagem), como já mencionado, é função do jornalismo cultural.

Outra questão versa sobre o tratamento das matérias/artigos. A abordagem verificada nas publicações tem, quase sempre, cunho filosófico, sociológico, entre outros. Ora esses assuntos podem e devem ser abordados na esfera cultural, todavia quando uma ênfase maior é dada à suas peculiaridades, elas deixam de pertencer a campo da cultura e permeia o científico.

Essas linhas tênues que se imbricam constantemente, tem fundamentação na própria definição de cultura, bem como nos determinantes dos gêneros jornalísticos, conforme veremos.

DEFINIÇÃO DE CULTURA

Pela semântica se pode observar a influência social na mudança de significado das palavras. Tomemos por exemplo, a palavra CULTURA.

O termo, nesse estudo, tem apenas conotação científica, visto que amplitude de possibilidades na sua ligação a outros termos ou ainda seus homólogos, são obstáculos à essa análise. Parte pela insignificância da verificação para o objeto de estudo hora proposto, parte pelo espaço de discussão reduzido em trabalhos nesse formato.

Segundo Couche (1999), a palavra cultura não é definida nas línguas antigas, não por falta de tê-la, mas de isolá-la. Sua aparição, data do século XVIII, na França, onde o termo é usado para referenciar a cultura da terra (plantio) e cultura do conhecimento (conhecimento agrícola).

Mais tarde a designação de conhecimento que a palavra tem, sai da esfera agrícola e é entendida para a Educação, Espírito, Letras, entre outras.

Passa-se de cultura como ação (ação de instruir) à cultura como estado (estado do espírito, cultivado pela instrução, estado do indivíduo que tem cultura). Este uso é consagrado, no fim do século, pelo Dicionário da Academia (edição de 1798) que estigmatiza um espírito natural e sem cultura, sublinhando com essa expressão a oposição conceitual entre natureza e cultura. (COUCHE, 1999,p.20)

Essa diferenciação entre o que o homem traz por sua natureza e aquilo que é apreendido na sociedade, dá base para a formulação da ideia iluminista de que o conhecimento pode ser acumulado historicamente e herdado pelas novas gerações.

Há nesse período a criação de um homólogo, entre cultura e civilização. O homem

iluminista vê na civilização a possibilidade de progresso da sociedade, o qual se dá na apropriação do conhecimento passado.

A discussão sai da França e ganha ares alemães nos séculos XIX e XX. Aqui, cultura é a manifestação de um povo, das tradições alemãs. E civilização passa a ser a designação do estrangeiro. Para Couche (1999) isso se dá por um sentimento de inferioridade do primeiro em relação ao segundo.

O surgimento das ciências modernas traz à tona a necessidade de uma nova definição do termo cultura. Para a etnologia, mesmo que ela seja vista como manifestações que acontecem no seio das sociedades, é preciso atentar para as diversidades no coletivo, em uma única cultura. Nesse momento histórico (séc. XX) já não é viável que essa diferenciação seja ditada pelas diferenças biológicas.

Pela etnologia se percebe que cultura pode designar costumes, estilos, línguas, crenças quando entendidas no micro cosmo que compõe o macro cosmo da cultura que forma o pensamento social.

O comportamento cultural de uma dada população é, a partir daí, objeto de estudo de ciências como a sociologia, a antropologia a pedagogia a filosofia, entre outras. Segundo Chauí (2002), ao mesmo tempo em que tratamos do termo cultura como observação de atividades específicas no seio da sociedade, podemos também entendê-la, como a manifestação de uma ordem simbólica que separa o homem-natureza do homem-cultura.

Não só na cultura há complexidade de definições, os gêneros jornalísticos também se confundem ainda mais na contemporaneidade como veremos.

CRISE DE GÊNEROS

As várias definições ou delimitações do jornalismo servem para explicar em partes, a dificuldade em especificar seu gênero em algumas matérias. O fato de estarem imbricadas acaba por confundir o leitor, e o próprio jornalista. Essa "mise en scène" midiática tem fundamento nas inúmeras abordagens permitidas pela contemporaneidade.

Os tempos modernos inauguram segundo Carlos Reis e Ana Cristina Macário Lopes (2000), uma espécie de "crise de gêneros", dadas às diversas possibilidades de análise dos discursos, ou ainda a definição do próprio termo discurso dada por Barthes, que o define como "toda atividade humana entendida como linguagem" (apud LOPES e REIS. 2000, p 23).

Outro agravante no concernente as definições de gêneros na contemporaneidade está

nas muitas formas em que a mídia se apresenta. Cada gênero sofre alterações e a eles são agregadas novas designações que acabam por se sobreporem.

Os gêneros jornalísticos conhecidos com Cultural e Científico, são exemplos disso. Para melhor compreendermos quando essa mistura se dá é preciso que os definamos.

JORNALISMO CULTURAL: DEFINIÇÕES

O que podemos chamar de nascimento do jornalismo cultural aconteceu na Inglaterra em 1711 quando dois ensaístas resolveram “tirar” a filosofia da prateleira das bibliotecas e passá-la para revista, no intuito de atingir um público maior e transformar o linguajar filosófico e algo mais acessível, conforme fala Piza (2003).

“A revista falava de tudo - livros, óperas, costumes, festivais de música e teatro, política – num tom de conversação espirituosa culta sem ser formal reflexiva sem ser inacessível, apostando num fraseado charmoso e irônico” (PIZA, 2003, p.12).

O próximo passo é o surgimento de uma série de críticos das sete artes. O jornalismo cultural é dado à sociedade. A crítica sai da visão fechada, proposta pela arte até o momento e passa a tratá-la sobre o prisma do homem comum que vive os dissabores cotidianos e tem nela uma válvula de escape, tanto no concernente ao alívio de suas dores como na manifestação de suas mazelas.

As mudanças na pós-modernidade, que entendem o sentido sobre a razão, trouxeram consigo transformações relevantes no campo do jornalismo cultural. A entrevista, a matéria, a reportagem, uma crítica mais direcionada ao vários públicos, um linguajar acessível aos leitores, o relato de fatos e o famigerado sensacionalismo são elementos do jornalismo cultural hoje.

Para Piza (2003) também o jornalismo cultural, a exemplo dos outros gêneros conforme vimos anteriormente, passa por uma crise de identidade. Ela se deve principalmente pela imposição da cultura de massa.

O novo modelo midiático que se nos apresenta agora, deve cumprir seu papel de reproduzir o pensamento do poder dominante. Para tanto se pauta na variedade de possibilidades culturais, na falácia da dicotomia populismo/elitismo, visto que não é suficientemente bem argumentado no concernente à verificação de sua implicação na fundamentação do jornalismo cultural moderno e, por fim, na sobreposição dos variantes culturais internacionais aos nacionais.

É preciso termos clareza que tratamos, neste ínterim do micro cosmo, ou seja, as manifestações culturais observadas na sociedade.

JORNALISMO CIENTÍFICO

Segundo Oliveira (2002), o gênero Jornalismo Científico, surgiu concomitantemente com a imprensa de Gutenberg, quando se verifica as primeiras impressões de descobertas e estudos de cunho científico. A necessidade de transmissão dessas informações ao maior número de pessoas possíveis é urgente.

Enquanto em 1609 surgem os primeiros jornais com periodicidade na Alemanha... o astrônomo italiano Galileu Galilei publica o livro mensageiro celeste, no qual faz, em linguagem coloquial, um relato acessível a público sobre sua descoberta e observação das três luas de Júpiter. (OLIVEIRA, 2002, p.18)

Entre os séculos XVI e XVII, há na Europa uma efervescência do pensamento e descobertas científicas. Seus autores as comunicavam através de cartas.

Henry Ondenburg, secretário da Real Sociedade Britânica, uniu a necessidade de divulgação dos materiais científicos a imprensa, sendo assim considerado o precursor desse formato de jornalismo. A partir daí essa vertente jornalística ganha espaço de acordo com o desenvolvimento científico, inclusive no Brasil.

Na atualidade se percebe um interesse crescente em relação ao jornalismo científico, a começar pelas universidades que tem se dedicado a criação de cursos que abordem essa habilitação, ou ainda revistas especializadas, encarte em jornais, cadernos específicos, sites e uma série de outros meios para manter a população informada acerca de assuntos dessa ordem.

Contudo, apesar desse ramo do jornalismo experimentar um momento atípico no Brasil, desde suas primeiras investidas, o espaço dedicado a ele, é ainda pequeno. Um dos fatores é o desinteresse que a modalidade desperta, uma vez que trata de assuntos não tão populares.

Os leitores de materiais de cunho científico são, em sua grande maioria, especialista nos assuntos abordados. A população de forma geral não tem interesse em conhecer temas dessa natureza, uma vez que não detêm o linguajar e conhecimento prévio necessário para que a compreensão do conteúdo abordado seja efetiva.

A vantagem em sua publicação está ligada ao fato de que alguns periódicos optam por esse linguajar mais elaborado, considerando seu público alvo.

Os grandes jornais com mais espaço, irão ver o público de maneira diferente. O Time com seus leitores muito bem informados, irá atender seu público interessados em ler sobre alguns avanços na ciência e na medicina. (BURKETT,1990,p.19)

Para que um texto possa ser entendido como científico é preciso que observe alguns fatores. Primeiro deparamo-nos como duas questões que abrem pressupostos para novas definições e enquadramentos de matérias neste gênero jornalístico.

A primeira refere-se à abrangência da ciência. Quando abordamos inicialmente esse gênero, temos por base somente as descobertas científicas nos campos da física, química, biologia, entre outras, não nos percebemos que a antropologia, a sociologia, a pedagogia e outras ciências do campo humano, são igualmente ciências, logo, pertencente a esse grupo.

[...] o Jornalismo Científico abrange não apenas as chamadas “ciências duras” – Física, Química etc, mas, inclui as ciências humanas (Educação, Sociologia, Comunicação, etc) e que em virtude da especialização em algumas áreas, tem assumido denominações particulares, em alguns casos, como o Jornalismo Ambiental, o Jornalismo em Saúde, o Jornalismo Econômico, o Jornalismo em Informática e Agribusiness, etc. Na prática, no entanto, todas estas manifestações específicas remetem para o Jornalismo Científico, entendido aqui como o termo genérico, mais abrangente.” (site:BUENO).

A segunda trata da “massa” que tem acesso à informação. Quando a massa é atingida, subentende-se que o mínimo de informação foi decifrada. Todavia, observamos com muita frequência que as informações acerca das ciências e tecnologia são, em sua grande maioria, escrita para especialistas, não é popular, não pertence ao cidadão comum.

O jornalismo científico é dividido por ramos que se diferenciam de acordo com os objetos de estudos, mesmo que não sejam escrito por jornalistas. Bueno (2009) trata por "Disseminação Científica" o texto escrito pelo especialista. São informações de cunho científico que tem por objetivo instigar a discussão entre especialistas.

FINALMENTE O MAIS

O caderno MAIS é distribuído pelo jornal Folha de São Paulo aos domingos. Sua diagramação e projeto editorial diferem-se das editorias diárias do jornal.

Uma foto ocupando toda a página de formato standard, um único título que é tema da maior parte das matérias que se lerá, seus respectivos autores (incluído o autor da foto), uma legenda e a logomarca do periódico/caderno, são os elementos que compõe a capa do caderno. (anexo 1).

Na página 2 há dicas de filmes, exposições das mais diversas áreas (teatro, musicais, entre outros). A página é também o espaço da crítica, todavia, ela pode ou não ser feita por um jornalista. Normalmente um convidado é que escreve. Poetas, escritores, músicos, atores, professores, são os autores dos textos.

Uma editoria dedicada somente à ciência intitulada + (mais) ciência, ocupa a página 3. Em 2009, o professor de física Marcelo Gleiser e o escritor Marcelo Leite, têm dividido esse espaço com um convidado que pode ser inclusive um jornalista.

São três matérias que tratam de assuntos científicos (considere o leque de abrangência que o termo científico denota), como podemos verificar em um trecho. “Hoffmann sugeriu que o excesso de rigidez em ocultar o passado alquímico e mítico da química (que ele celebra) acabou por tirar a magia de uma ciência cheia de mágica” (GLEISER, MAIS 18/10/09, 3).

Caso haja um assunto mais gritante a ser discutido, como no caso recente da estudante de micro vestido, há uma inversão de páginas. O caso citado é discutido pelo professor de Ética e Filosofia da USP, Renato Janine Ribeiro e os “marcelos” (+ ciência) vão para outra página. Na linguagem do MAIS, o vestido, na página 3, sai do armário, como peça de vestimenta que caracteriza a cultura de comportamento e ganha a discussão da liberdade sexual na vertente de mudança do comportamento social.

Como o tesão se relaciona com os direitos humanos? Dá para repetir o mantra de que uma mulher poderosa, desejável, ciente do que desperta nos homens, é ao mesmo tempo um sujeito racional capaz de deliberar em sua consciência se quer ou não um deles? (RIBEIRO, MAIS 15/11/2009, p.3)

Essas duas editorias (sociedade e Ciência) não têm páginas pré estabelecidas podem estar na 3, 9 ou 10 dependendo do grau importância dos temas abordados.

As próximas quatro a seis páginas, serão dedicadas ao tema título do caderno e defendidas em textos por historiadores, antropólogos, jornalistas, músicos, entre outros. As fotos ocupam a maior parte do centro das páginas (abertas) enquanto as bordas são preenchida por um filão de intelectuais, versando em seu linguajar peculiar, platônicos, absortos em seu supra sumo, como se soubéssemos como nos livrar dos grilhões.

Foi possível entender as duas últimas linhas desse texto? Por vezes, é isso que o caderno nos causa.

São Paulo, domingo, 08 de novembro de 2009. O título do MAIS é: Berlim 20 anos sem o muro. O editor do caderno Marcos Flamínio Peres, entrevista na página 4, o historiador britânico Eric Hobsbawm. As perguntas (3) foram feitas por e-mail, logo funcionam como tópicos para pequenos textos. (ANEXO 2)

Questões como: “A queda do muro representou um colapso do pensamento de esquerda?” é pertinente a cultura no sentido de mudança de comportamento social. Diversas ciências tratam dessas mudanças atentando para os vários elementos que são imbricados,

amarrados na complexa teia social.

São Paulo, domingo, 18 de Outubro de 2009. Título do MAIS é: O país do futuro (enfim?). A socióloga e professora da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Maria Alice Resende de Carvalho, traça, na página 7 do caderno, um paralelo entre o livro “Brasil – Um País do Futuro” de Stefan Zweig e a recente conquista do país em sediar as Olimpíadas 2016. O autor do livro ressalta as belezas naturais do Rio de Janeiro, a brandura de seu povo e as favelas. Carvalho, seguindo as mesmas indicações as associa ao momento contemporâneo. “Mas, em todo o mais, repete, com as atualizações devidas, a tríade mítica – natureza, brandura e favelas, fartamente acionada, como se viu, na campanha que o levará a sediar a Olimpíadas de 2016.”

Novamente o livro (manifestação cultural), é visto como estudo de mudanças sociais, uma vez que assegura a sustentação do pensamento do autor até os dias atuais, caracterizadas pela beleza, brandura e favelas verificadas nas ocasiões.

As páginas finais do caderno são dedicadas a dicas de livros ou traduções de textos de especialista como o biólogo coreano Clive Cookson originalmente publicada em um periódico estadunidense (Financial Times), na página 10 do MAIS de 18/10/2009.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O homem/cultura, aquele que é observado em seu macro e micro mundo, é abordado em duas vertentes culturais distintas. A primeira trata das suas manifestações (festas, danças, comidas, entre outros). A segunda versa sobre a influência da cultura em suas mudanças de comportamento.

Ambas as abordagens, versam sobre cultura, entretanto, quando as contrapomos com os gêneros jornalísticos elas ocupam lugares diferentes.

O jornalismo cultural trata do micro mundo. Como o homem experimenta aquilo que lhe cerca suas vontades, desejos, repulsas e todo sorte de comportamento manifestado na sociedade. O jornalismo Científico aborda o macro mundo ou seja, a compreensão das razões que levam o indivíduo a ter determinado comportamento.

É requisito fundamental, para que um tema seja enquadrado no jornalismo científico, que pertença a um dos ramos das ciências. A cultura permeia por vários deles (filosofia, sociologia, psicologia, antropologia, entre outros).

O conteúdo veiculado no caderno MAIS trata da cultura de forma abrangente, compreendendo sua função enquanto transformadora da sociedade, abrangendo a sociologia,

filosofia, antropologia, entre outras ciências, logo, pertencente ao jornalismo científico.

A linguagem utilizada neste veículo delimita seus leitores, uma vez que necessitam de um maior conhecimento, acerca dos temas abordados para que se possa compreendê-los.

A Disseminação Científica é uma vertente no jornalismo científico que possibilita, não só a utilização de um linguajar mais específico, como também ser escrita em formato de artigo por especialista (não necessariamente jornalista), todavia a distribuição é limitada a um determinado público.

A Folha de São Paulo se utiliza dessa vertente, tendo por público alvo seu leitor cotidiano. É como se o jornal entendesse que todos os leitores do domingo fossem especialistas nas áreas das ciências principalmente das humanas.

O resultado dessa ousadia, por enquanto é positivo, afinal o caderno está circulando no país há mais de 17 anos, e estamos discutindo-o, o que prova que ele ainda chama a atenção dos leitores.

O título desse trabalho questiona o fato de que o não pertencimento do caderno à editora previamente defendida em seu projeto gráfico poderia de certa forma prejudicá-lo. Isso não se comprovou no decorrer da discussão, pelos motivos já apresentados.

Alguns fatores simples como o dia de circulação do caderno, o tempo hábil que o leitor terá para se dedicar a ele, o perfil de seu consumidor, são observados pelo jornal e surtem um resultado, acredita-se, desejado.

Até mesmo o fato de que no site o caderno está na editoria cultural e não científica é passível de entendimento. Custaria mais ao jornal explicar essa alteração que deixá-lo dessa forma, afinal a compreensão do que é um gênero jornalístico, cabe aos jornalistas, e não é apenas esse público que lê o MAIS, afora o fato de que, caso assim fosse, não haveria tema para esse trabalho.

O MAIS não é menos.

REFERÊNCIAS

BUENO, Wilson da Costa. **O Jornalismo Científico**. Disponível em <<http://www.jornalismocientifico.com.br>> Acesso em: 10. Jun. 2009.

BUENO, Wilson da Costa. **Os Equívocos do Jornalismo Científico no Brasil**. Disponível em

<<http://www.jornalismocientifico.com.br>> Acesso em: 10. Jun. 2009.

BURKETT, Warren. **Jornalismo Científico**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990.

CHAUÍ, Marilena. **Filosofia**. São Paulo: Ática. 2002.

COUCHE, Denys. A noção de cultura nas ciências sociais. Bauru: Edusc, 1999.

FOLHA **ONLINE**. Disponível em:

<<http://www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/historia.shtml>> Acesso em 10.Nov.2009.

FOLHA **ONLINE**. Disponível em

<<http://www1.folha.uol.com.br/folha/conheca/suplementos.shtml>> Acesso em 10 Nov 2009)

OLIVEIRA, Fabíola de. **Jornalismo Científico**. São Paulo: Contexto. 2002.

PIZA, Daniel. **Jornalismo Cultural**. São Paulo: Contexto, 2003.

REIS, Carlos. LOPES, Ana Cristina Macário. **Dicionário da Teoria da Narrativa**. São Paulo: Ática, 2000.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil 1911-1999**. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.